

---

# O entrelugar do discurso dos anos de Cleonice Berardinelli <sup>1</sup>

Sofia de Sousa Silva  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

## Doi

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.n49a779>

Num célebre ensaio de 1971, que antecipa em mais de cinquenta anos questões com que ainda hoje estamos lidando, Silviano Santiago falava do entrelugar do discurso latino-americano e, invertendo os sinais habituais, afirmava que:

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e pureza: esses dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos escritores latino-

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentada em mesa-redonda realizada no Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro, na celebração do Dia Mundial da Língua Portuguesa, em 5 de maio de 2023, com a participação dos professores Jerónimo Pizarro, Italo Moriconi e Silviano Santiago. Agradeço ao professor Jerónimo Pizarro o convite para participar na sessão.

-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo. (SANTIAGO, 2019, p. 29).

A hipótese de Silviano Santiago, setenta e cinco anos depois, vem redimir e reconciliar consigo mesmo o Pestana, protagonista do conto “Um homem célebre”, de Machado de Assis, um personagem que vive entre a música dos compositores clássicos europeus, que admira e que gostaria de imitar, e as polcas populares, nas quais a sua criatividade ganha asas, e com as quais consegue garantir o sustento. Mas, por viver nessa contradição entre propósitos e realização, ou entre uma cultura herdada da Europa e uma cultura vivenciada no Brasil, morre “bem com os homens e mal consigo mesmo”, como diz a frase final do conto de 1896 (MACHADO DE ASSIS, 1896).

Ganhador do Prêmio Camões de 2022, o mais importante galardão literário da língua portuguesa, concedido ao conjunto de sua obra, Silviano Santiago quis que, neste dia em que se celebra a nossa língua, a homenagem fosse feita também à professora Cleonice Berardinelli e o muito que trabalhou não só pela língua de Luís de Camões, mas também pela obra desse e de tantos escritores portugueses que ela laboriosamente estudou, editou, prefaciou, divulgou, incluiu em seus cursos e até encenou no teatro. Não nos esqueçamos de que a sua entrada na universidade se deu representando o Anjo, no *Auto da Alma* de Gil Vicente, numa atuação elogiada por Manuel Bandeira numa crônica (BANDEIRA apud BERARDINELLI, 2010, p. 50).

Proponho, então, neste dia, estender a reflexão de Silviano Santiago sobre o discurso latino-americano para a situação da própria professora Cleonice, especialista brasileira em literatura portuguesa.

Outro escritor latino-americano, pensando também sobre esse entrelugar de que tratou Silviano, o argentino Ricardo Piglia propõe que, se a sexta proposta para o próximo milênio, entre as que o escritor italiano Italo Calvino fez, fosse escrita a partir de Buenos Aires ou de qualquer outro lugar no “subúrbio do mundo”, ela talvez pudesse ser não sobre consistência, como indica o sumário deixado por Calvino (1990, p. 10), mas sobre deslocamento (PIGLIA, 2012). Interessa-nos pensar se a posição periférica ou ex-cêntrica da brasileira Cleonice Berardinelli contribui de alguma forma para o seu modo de olhar a cultura e a literatura portuguesa, e até o seu modo particular de falar e escrever a língua de Luís de Camões.

Num ensaio chamado “A língua de Cleonice”, o linguista Ivo Castro, coordenador da Equipa Pessoa — que Cleonice integrou e no âmbito da qual preparou a edição crítica da poesia de Álvaro de Campos —, dedica-se a estudar o “bilinguismo” da professora no português europeu e no português brasileiro. De início, diz ele:

(...) um português que conheça a autora não deixará de se espantar com aquilo a que, imprecisa e provisoriamente, chamarei a lusitanidade do seu léxico e da sua frase, que só não soam inteiramente familiares quando, entrelaçados nos textos literários que analisam e glosam, acabam por lhes emular os estilos, as modulações, os materiais, e em alguns acaso, a idade. A prosa de Cleonice é um perfeito exemplo do registo culto do português escrito, próxima da língua dos escritores, mas mais regulamentada e contida que a deles. (CASTRO, 2000, p. 230).

E adiante, após relacionar as principais diferenças entre o português europeu e o português brasileiro, examina textos de conferências da professora feitas para públicos brasileiros e nelas surpreende casos de colocação pronominal e omissões de artigo definido que seriam típicas do português brasileiro. E conclui: “Verifica-se, assim,

que mesmo na norma culta escrita mais lusitanizante que se pode achar no Brasil (...) penetram tais fenômenos emanados da cultura de base do Português brasileiro” (CASTRO, 2000, p. 237).

Esse seu bilinguismo, esse seu olhar desviante ou enviesado me parece que podem ser surpreendidos também, e antes de mais nada, na sua própria escolha pela literatura portuguesa num país marcado pela Semana de Arte Moderna e no qual o poeta português Jorge de Sena identificava em 1966, com amargura e alguma incompreensão, “uma raiva irracional de tudo que é português” (BREYNER; SENA, 2010, p. 101).

Também nos *Estudos camonianos*, de Cleonice Berardinelli, podemos encontrar esse seu olhar deslocado. Ali revela as suas discor-dâncias com o crítico português António José Saraiva no que diz respeito ao Camões épico, tais como estudadas em ensaio recente de Jorge Fernandes da Silveira, intitulado “Agora tu, Cleonice, leitora moderna de Camões, me ensina” (SILVEIRA, 2023), e apresentado em abril passado no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Ali também tem a coragem de escrever o elogio do Frei Bertolameu Ferreira, frade dominicano encarregado do parecer do Santo Ofício à publicação d’*Os Lusíadas*, pela “fina astúcia de que lançou mão” (BERARDINELLI, 2000, p. 112) para burlar a censura que deveria representar.

Usando um estilo dramático que talvez tenha aprendido com alguns de seus autores de eleição, como Gil Vicente, António Ribeiro Chiado e Fernando Pessoa (que se definia como poeta dramático), no seu ensaio “De censores e de censura” (BERARDINELLI, 2000, p. 109-122), Cleonice interpela o rei D. Sebastião e o frade perguntando-lhes, por exemplo, como foi possível que este último não tivesse encontrado no poema “cousa alguma escandalosa nem contrária à fé aos bons costumes”.

No mesmo livro, Cleonice revela, em outro ensaio, o seu olhar enviesado e a sua discreta ousadia, própria de quem pede licença, mas nunca deixa de entrar. Em “A dimensão tradicional na poesia lírica camoniana” (BERARDINELLI, 2000, p. 167-201), dedica-se a estudar a recuperação do cancionero medieval pelo poeta renascentista. Tradição é um termo associado à Antiguidade clássica greco-latina e posteriormente ao próprio Renascimento, que, como diz Hannah Arendt em “A tradição e a época moderna”, refunda a tradição, ao fazer um corte com a Idade Média, por acreditar que é possível se religar diretamente com o começo do Ocidente na Grécia e em Roma (ARENDR, 2002, p. 43-68).

O que Cleonice chama de “dimensão tradicional” no seu ensaio é a recuperação de algo então considerado menor e desprestigiado, o que se insinua desde logo na expressão “medida velha” usada no período para referir os metros medievais em oposição ao decassílabo.

Na contramão do crítico moderno, que Silviano define — no ensaio de 1985 intitulado “A permanência do discurso da tradição no modernismo” — como sendo caracteristicamente o que “apenas elogia um poeta naquilo que, na poesia dele, menos se assemelha ao que há na dos outros, (...) que vai sempre dar ênfase ao traço individual, vai sempre valorizar o talento original do escritor” (SANTIAGO, 2019, p. 462), Cleonice vai buscar o Camões leitor da Idade Média, e este é talvez o lugar onde ele é mais inesperado. Enquanto o Renascimento que Camões viveu despreza o medieval, a singularidade desse poeta se revela justamente nesse seu tradicionalismo.

Nesse passo, Cleonice se contrapõe mais uma vez a António José Saraiva, leitor da lírica camoniana, pois este considera que o grande mérito de Camões e a novidade desse poeta residem na sua distância em relação ao modelo de Petrarca. Saraiva associa Petrarca à idealidade enquanto Camões estaria associado à experiência e à realidade, e é ao se afastar desse modelo renascentista em direção a algo mais

problemático e acidentado que se encontraria a originalidade de Camões (SARAIVA, 1997, p. 51-117).

Cleonice mostra, enviesadamente, que é, talvez, ao resgatar algo ainda anterior a Petrarca, a lírica medieval então fora de moda, que Camões se mostra mais moderno. Ou seja, é onde é mais velho, mais tradicional, que é mais novo. É na medida velha que apresenta a mulher como ser desejante e autônomo e dotado de senso de humor, como na glosa ao mote “Coifa de beirame/ namorou Joane”, em que a personagem feminina, Maria, zomba do que hoje poderíamos considerar o fetichismo de Joane, apaixonado pela touca da mulher em vez de estar interessado nela mesma e até especificamente no seu corpo. É nas redondilhas que põe em cena a cativa que tem qualidades superiores a qualquer senhora medieval. E é também em redondilhas e versos de arte-maior que mostra a enorme plasticidade da medida velha, que permite num mesmo poema louvar e deslouvar uma dama, pois, conforme a ordem em que se leiam os versos, o elogio se transforma em vitupério.<sup>2</sup>

O espírito aberto e o frescor do olhar de Cleonice Berardinelli a acompanharam sempre. Foi já no ano 2000, quando ela contava 83 anos, que me tornei sua aluna e comecei a preparar, sob sua orientação, uma dissertação sobre a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, poeta que ela admirava e que chegou a conhecer pessoalmente na única visita que Sophia fez ao Brasil, em 1966, quando Cleonice a recebeu na PUC-Rio.

O recorte que escolhi para o trabalho foi a ética da diferença na obra de Sophia, marcada que eu era pelas leituras do pensamento de

---

2 Refiro-me aos poemas camonianos cujos primeiros versos são “Coifa de beirame”, “Aquele cativa” e “Vós sois ãa dama”, todos estudados pela professora Cleonice Berardinelli em “A dimensão tradicional na poesia lírica camoniana”.

Nietzsche e de Deleuze que tinha feito sob a orientação do professor Paulo Vaz na Escola de Comunicação da UFRJ.

A professora Cleonice, católica praticante, lia com enorme generosidade e disponibilidade de espírito o meu trabalho, com o qual decerto pouco concordava, mas que, pela confiança que depositava em cada estudante, aceitou orientar.

Quando ingressei no doutorado, com um projeto sobre Sophia e Adília Lopes como leitoras da tradição moderna, a divergência de gostos, opiniões ou crenças seria ainda mais acentuada, pois a minha orientadora, num primeiro momento, não apreciava a poesia de Adília Lopes.

Penso que isso só começou a mudar quando lhe mostrei o poema de Adília Lopes que copia *ipsis litteris*, à maneira do Pierre Ménard de Borges, o verso de Cesário Verde “Luta Camões no Sul salvando um livro a nado”, e a ele acrescenta, de cabeça para baixo, como que refletido num espelho côncavo a paródia “Um livro no Sul salva Camões de morrer afogado” (LOPES, 2021, p. 61). Esse gesto, que aproxima curiosamente Adília Lopes do modernismo brasileiro com seu gosto pela paródia, tal como estudado por Silviano Santiago (SANTIAGO, 2019, p. 455-485), encantou a professora Cleonice, interessada que ficou pela ideia de que foi o poema que salvou o poeta, e não o contrário.

Mas a linguagem de Adília Lopes era muitas vezes, para ela, “como a das cantigas de escárnio e maldizer”, como disse ao professor Eduardo Jardim quando o convidou para integrar a banca de defesa da tese. Interessante maneira de expressar uma rejeição, e ao mesmo tempo fazer uma tentativa de inserir esse estranho objeto na tradição medieval, muito sua querida.

Como disse numa entrevista recente o músico Alfredo del-Penho, um mestre não ensina só a imitá-lo, ele ensina também a sua liberdade (DEL-PENHO, 2015).

A propósito disso, gostaria de lembrar uma pequena história que me foi contada na fila de autógrafos de um lançamento de livro da professora Cleonice nos anos 2000. Estando uma vez num congresso no Algarve, em Portugal, a professora já tinha assistido às sessões da manhã e da tarde, quando à noite, depois do jantar, reuniu-se aos demais congressistas para um passeio. Perante a admiração de todos como o fato de que, naquela idade, e após um longo dia de trabalhos, ela ainda tivesse energia para mais uma atividade, ela respondeu: “eu não estou em idade de perder passeio.”

Na série chamada “Homenagem a Ricardo Reis” (ANDRESEN, 2015, p. 597-605), em que Sophia de Mello Breyner faz um pastiche da linguagem do heterônimo pessoano, a consciência da finitude que atormenta Reis em toda a sua obra dá lugar não a uma busca maior de inação ou de desenlace de mãos, como diz Reis na ode “Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio”, mas a uma busca da ação, pois “no redondo círculo da noite não existe piedade para aquele que hesita” conforme o verso de Sophia.

Do mesmo modo, a consciência da brevidade da vida humana despertava em Cleonice a noção clara de que, como diria Sophia, mais tarde seria tarde e já era tarde. Ela não estava disposta a deixar nada na conta do não vivido. Quando grande parte das pessoas diria “não tenho mais idade para isso”, o olhar original de Cleonice invertia essa equação e a tornava verdadeira.

Para terminar esta evocação da coragem e da liberdade de Cleonice Berardinelli, recorro a um poema de Sophia de Mello Breyner Andresen no qual ela, ao ler, se reconheceu, e que bem poderia ser uma arte poética da sua vida e obra:



Escuto mas não sei  
Se o que oiço é silêncio  
Ou deus

Escuto sem saber se estou ouvindo  
O ressoar das planícies do vazio  
Ou a consciência atenta  
Que nos confins do universo  
Me decifra e fita

Apenas sei que caminho como quem  
É olhado amado e conhecido  
E por isso em cada gesto ponho  
Solenidade e risco  
(ANDRESEN, 2015, p. 516).

RECEBIDO: 29/05/2023 APROVADO: 29/05/2023

#### REFERÊNCIAS

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Obra poética*. Pref. Maria Andresen de Sousa Tavares. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015.
- ARENDR, Hannah. A tradição e a época moderna. In: ARENDR, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 43-68.
- BERARDINELLI, Cleonice. Portugal, meu avozinho. *Revista Brasileira*, Fase VII, jul.-ago.set. 2010, ano XVI, n. 64, p. 27-50.
- BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos camonianos*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Cátedra Padre António Vieira: Instituto Camões, 2000.
- BREYNER, Sophia de Mello; SENA, Jorge de. *Correspondência: 1959-1978*. 3.ed. Lisboa: Guerra e Paz, 2010.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Ivo. A língua de Cleonice. In: MARGATO, Izabel (org.). *Figuras da lusofonia: Cleonice Berardinelli*. Lisboa: Instituto Camões, 2000, p. 230-240.

DEL-PENHO, Alfredo. “Alfredo Del-Penho e as vozes do Brasil”, apresentação Joaquim Ferreira dos Santos, 28 de agosto de 2015, Rádio Batuta, <https://radiobatuta.com.br/programa/alfredo-del-penho-e-as-vozes-do-brasil-2/#.XZY1RapXiIg.gmail>. Acesso: 03 maio 2023.

LOPES, Adília. *Dobra: poesia reunida – 1983-2021*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2021.

MACHADO DE ASSIS. Um homem célebre. [1896]. *Machadodeassis.net*, [s. l.], c2021. Disponível em: <https://machadodeassis.net/texto/um-homem-celebre/30592>. Acesso em: 05 maio 2023.

PIGLIA, Ricardo. Uma proposta para o novo milênio. Trad. Marcos Visnadi. *Caderno de Leituras*, n. 2. Lisboa/ Buenos Aires, janeiro 2012. Disponível em <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2015/06/cado2.pdf>. Acesso em: 05 maio 2023. [Publicação original em 2001.]

SANTIAGO, Silviano. *35 ensaios de Silviano Santiago*. Seleção e introdução Italo Moriconi. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SARAIVA, António José. A lírica. In: SARAIVA, António José. *Luís de Camões*. Lisboa: Gradiva, 1997, p. 51-117. [A 1ª ed. é de 1959.]

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. *Agora tu, Cleonice, leitora moderna de Camões, me ensina*. Comunicação apresentada no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro em 14 de abril de 2023. Mimeo.

### MINICURRÍCULO

**SOFIA DE SOUSA SILVA** é professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem mestrado e doutorado pela PUC-Rio, com tese sobre as obras de Sophia de Mello Breyner Andresen e de Adília Lopes. Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado na Universidade do Porto, em Portugal, é colaboradora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e membro da rede de pesquisa Lyra Compoetics. Publicou *Fernando Pessoa: para descobrir, conhecer e amar* (Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2016) e organizou o volume *Aqui estão as minhas contos: antologia poética*, de Adília Lopes (Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019), no qual publicou também um estudo sobre a obra da autora.